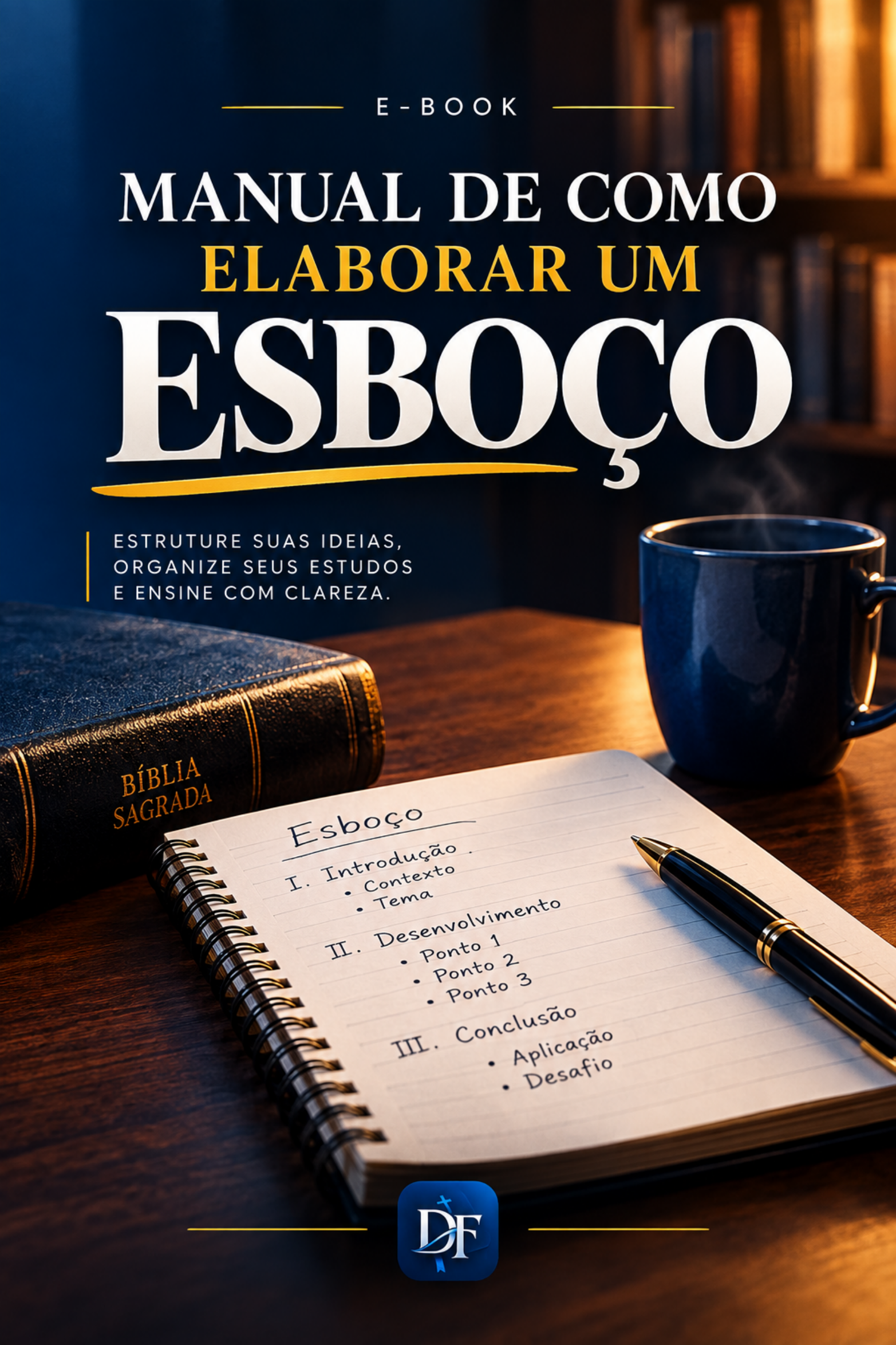
E-BOOK

MANUAL DE COMO ELABORAR UM ESBOÇO

ESTRUTURE SUAS IDEIAS,
ORGANIZE SEUS ESTUDOS
E ENSINE COM CLAREZA.



Manual de Como Elaborar um Esboço

Estruture suas ideias, organize seus estudos e ensine com clareza.

Um material de estudo para pregadores e ensinadores da Palavra.

Sumário

Capítulo 1	Fundamentos do Esboço Homilético
Capítulo 2	Do Texto à Ideia Central (a Big Idea)
Capítulo 3	Esboço Textual
Capítulo 4	Esboço Temático
Capítulo 5	Esboço Expositivo
Capítulo 6	Introduções e Conclusões que Sustentam o Esboço
Capítulo 7	Aplicação e Ilustração dentro da Estrutura
Capítulo 8	Revisão, Testes e Modelos Prontos
	Sobre o Autor

CAPÍTULO 1

Fundamentos do Esboço Homilético

“Que tudo seja feito com decência e ordem.”

— 1 Coríntios 14:40

Antes de aprender técnicas de esboço, é preciso entender por que esboçamos. Um esboço não é um enfeite acadêmico nem uma exigência de seminário: é a espinha dorsal que sustenta a mensagem e permite que ela seja compreendida, lembrada e aplicada. Pregadores que pulam essa etapa costumam produzir sermões que impressionam no calor do momento, mas que se dissolvem na memória do ouvinte antes do almoço de domingo.

O que é, de fato, um esboço

Um esboço de pregação é a representação visual e lógica da estrutura de uma mensagem: a forma como as ideias se organizam, se conectam e progridem até um objetivo definido. Ele expõe o esqueleto do sermão — introdução, divisões principais, subpontos, transições e conclusão — sem ainda vestir a mensagem com todas as palavras, ilustrações e aplicações que serão usadas no púlpito.

É útil pensar no esboço como a planta baixa de uma casa. A planta não é a casa — não tem móveis, cor nas paredes ou pessoas vivendo nela — mas sem ela a construção não tem sustentação, os cômodos não se conectam de forma funcional e o resultado final corre o risco de desabar sobre o próprio peso.

Esboço não é roteiro de fala

Um erro comum de quem está começando é confundir esboço com manuscrito. O esboço não registra tudo o que será dito; ele registra a lógica do que será dito. Um bom esboço pode ser lido em poucos minutos e ainda assim revelar com clareza qual é a ideia central da mensagem, quais são as grandes divisões e como cada uma delas contribui para o todo.

- O esboço mostra a estrutura; o roteiro (ou manuscrito) mostra as palavras.
- O esboço cabe em uma página; o roteiro pode ocupar dez.
- O esboço serve para preparar e para pregar; o roteiro serve principalmente para preparar.
- O esboço revela a lógica; o roteiro revela o estilo.

Por que o esboço serve à mensagem — e não o contrário

Existe uma tentação sutil de começar pelo esboço: escolher uma estrutura bonita, com pontos que rimam ou formam um acróstico, e depois forçar o texto bíblico a caber nela. Esse caminho inverte a ordem correta

das coisas. O esboço deve nascer do texto e da ideia central que ele comunica, nunca o contrário. Quando a estrutura vem antes da exegese, o pregador corre o risco de impor ao texto uma mensagem que ele não pretendia transmitir.

> ***Princípio de ouro***
>
> *A forma do esboço deve servir ao conteúdo do texto, não o contrário. Se uma divisão elegante não nasce naturalmente do texto ou do tema, ela deve ser abandonada — por mais atraente que pareça no papel.*

As três perguntas que todo esboço deve responder

Independentemente do tipo de pregação — textual, temática ou expositiva — todo esboço sólido responde a três perguntas na mente do ouvinte:

1. O que isto significa? (compreensão do conteúdo)
2. É verdade e por que importa? (validação e relevância)
3. E agora, o que eu faço com isso? (aplicação)

Essas três perguntas não precisam corresponder literalmente a três divisões do esboço, mas precisam, de alguma forma, ser respondidas ao longo da mensagem. Um esboço que só explica, mas nunca aplica, produz ouvintes informados e inertes. Um esboço que só aplica, mas nunca explica, produz ouvintes emocionados e desorientados.

Os três grandes tipos de pregação e o papel do esboço em cada um

Ao longo deste manual você vai aprofundar três abordagens clássicas de pregação. Aqui vai uma primeira visão geral de como o esboço se comporta em cada uma:

- Pregação Textual — o esboço segue de perto a ordem das palavras ou frases de uma passagem curta, geralmente poucos versículos.
- Pregação Temática — o esboço organiza-se ao redor de um tema bíblico, reunindo diferentes textos sob uma mesma ideia central.
- Pregação Expositiva — o esboço nasce da estrutura lógica e literária de uma passagem mais extensa, respeitando a intenção do autor original.

Nos próximos capítulos, cada um desses tipos será tratado em detalhe, com exemplos comentados. Mas antes disso, o Capítulo 2 vai tratar de algo anterior a qualquer esboço: como identificar a ideia central do texto — a chamada Big Idea — sem a qual nenhum esboço, por mais bem construído, terá unidade.

CAPÍTULO 2

Do Texto à Ideia Central (a Big Idea)

“A palavra de Deus é viva e eficaz.”

— Hebreus 4:12

Todo esboço verdadeiramente unificado nasce de uma única ideia dominante — algo que, na tradição homilética, chamamos de Big Idea, ideia central ou proposição. Sem ela, mesmo um esboço bem dividido tende a se tornar uma coleção de pensamentos soltos, cada um interessante isoladamente, mas sem um fio condutor que os amarre.

Por que a ideia central vem antes do esboço

É tentador abrir a Bíblia, ler um texto e já começar a rabiscar pontos numerados. Mas divisões criadas antes da ideia central corre o risco de organizar detalhes sem hierarquia — tudo parece igualmente importante, e nada realmente se destaca. A ideia central funciona como o critério de seleção: ela decide o que entra no esboço, o que fica de fora e qual peso cada parte recebe.

Do assunto ao complemento

Uma forma prática de chegar à ideia central é dividir o processo em duas perguntas sucessivas:

1. Assunto: sobre o que o texto está falando? (geralmente expresso em poucas palavras, sem verbo — ex.: "a fidelidade de Deus", "o perdão", "a oração em tempos de crise")
2. Complemento: o que exatamente o texto diz sobre esse assunto? (aqui entra o verbo, a afirmação completa — ex.: "a fidelidade de Deus se mantém mesmo quando a fé humana falha")

A junção do assunto com o complemento forma a proposição do sermão — a frase única que resume, em uma sentença completa, o que o texto ensina e o que o sermão vai comunicar.

Exemplo — de Salmo 23

Assunto: o cuidado do Senhor sobre seu povo

Complemento: esse cuidado supre, guia e protege em toda circunstância da vida

Proposição: “O Senhor, como pastor, supre, guia e protege seu povo em toda circunstância da vida.”

Características de uma boa proposição

- É extraída do texto — não importada de outro lugar ou da experiência pessoal do pregador.
- É uma frase completa, não um tópico solto ou uma pergunta.
- É atemporal — vale tanto para o autor bíblico quanto para o ouvinte de hoje.
- É clara e memorável — pode ser repetida de cor após o sermão.
- É aplicável — aponta, ainda que de forma geral, para uma resposta prática.

> ***Teste rápido***
>
> *Se você não consegue dizer, em uma única frase, o que o seu sermão vai comunicar, ainda não está pronto para esboçar. Volte ao texto antes de organizar pontos.*

Da proposição às divisões do esboço

Uma vez definida a proposição, as divisões principais do esboço normalmente surgem ao responder uma destas perguntas sobre ela:

- Quais são as partes que compõem essa afirmação? (divisão por partes constituintes)
- Como isso se prova ou se demonstra no texto? (divisão por evidências)
- Quais são as razões pelas quais isso é verdade? (divisão por razões)
- Quais são os passos para viver essa verdade? (divisão por etapas práticas)

No exemplo do Salmo 23, a proposição “O Senhor supre, guia e protege seu povo” já contém, dentro de si, três verbos que naturalmente se tornam três divisões: supre (vv. 1-3), guia (vv. 3-4) e protege (vv. 4-6). Note que o esboço não foi imposto ao texto — ele emergiu da própria proposição, que por sua vez emergiu do texto.

Cuidado com armadilhas comuns

- Proposição vaga demais: “Deus é bom” é verdadeiro, mas genérico demais para gerar um esboço com foco.
- Proposição importada: extrair uma lição moral que soa bem, mas que o texto, em seu contexto, não está realmente ensinando.
- Proposição múltipla: tentar comunicar duas ideias centrais diferentes no mesmo sermão, o que divide a atenção do ouvinte.

Com a ideia central bem definida, você já tem o critério que vai guiar todo o processo de esboçar — seja qual for o tipo de pregação escolhido. Nos próximos três capítulos, vamos aplicar esse princípio aos

esboços textual, temático e expositivo.

CAPÍTULO 3

Esboço Textual

“Lendo no livro da Lei de Deus, e traduzindo, e explicando o sentido, faziam-lhes entender a leitura.”

— Neemias 8:8

A pregação textual é, historicamente, uma das formas mais antigas de pregar: toma-se uma passagem curta — em geral, um a três versículos — e a estrutura do sermão segue de perto a própria progressão das palavras ou frases do texto. É o tipo de esboço mais “colado” ao texto bíblico entre os três que estudaremos.

Como funciona

No esboço textual, cada divisão principal corresponde, normalmente, a uma palavra-chave, uma frase ou uma unidade de pensamento dentro do próprio versículo. O pregador “abre” o texto quase que palavra por palavra, extraindo de cada elemento uma verdade espiritual, sempre subordinada à ideia central definida no Capítulo 2.

Exemplo — Filipenses 4:6-7

Texto: “Não andeis ansiosos por coisa alguma; antes as vossas petições sejam conhecidas diante de Deus em tudo, pela oração e súplica, com ação de graças. E a paz de Deus, que excede todo entendimento, guardará os vossos corações e os vossos pensamentos em Cristo Jesus.”

Proposição: “A oração com gratidão substitui a ansiedade pela paz de Deus.”

I. O diagnóstico: a ansiedade que precisa ser tratada (v. 6a)

II. O caminho: a oração que precisa ser praticada (v. 6b)

III. A atitude: a gratidão que precisa acompanhar o pedido (v. 6c)

IV. O resultado: a paz que precisa ser recebida (v. 7)

Vantagens da pregação textual

- Mantém o ouvinte extremamente próximo do texto bíblico, palavra por palavra.
- É útil para textos ricos e densos, onde cada frase carrega peso teológico.
- Favorece a memorização, já que o esboço segue a ordem natural do próprio versículo.

- Exige menos tempo de preparação exegética do que um esboço expositivo de uma passagem longa.

Riscos e cuidados

- Fragmentação do sentido: dividir demais um texto curto pode quebrar uma ideia que era, originalmente, unificada.
- Perda do contexto maior: ao focar em poucos versículos, é fácil esquecer o pano de fundo do capítulo ou do livro.
- Alegorização forçada: tentar extrair uma "lição" de cada palavra isolada, mesmo quando ela não suporta esse peso.

> ***Como evitar a fragmentação***
>
> *Antes de dividir o texto palavra por palavra, leia o parágrafo inteiro em que ele está inserido. Pergunte: essa divisão que estou propondo respeita o fluxo de pensamento do autor, ou está apenas seguindo a pontuação da tradução que estou usando?*

Passo a passo para construir um esboço textual

1. Escolha um texto curto (1 a 3 versículos) que forme uma unidade de sentido completa.
2. Leia o texto em pelo menos duas traduções diferentes, observando a estrutura gramatical.
3. Identifique a proposição central, seguindo o método do Capítulo 2.
4. Marque as palavras, frases ou orações que carregam o peso da ideia (verbos de ação, conectivos como "portanto", "mas", "porque").
5. Transforme cada uma dessas unidades em uma divisão principal, escrita como frase completa e paralela às demais.
6. Revise se as divisões, juntas, sustentam e desenvolvem a proposição — e não apenas repetem a mesma ideia com outras palavras.

O esboço textual é uma excelente porta de entrada para quem quer se aproximar mais do texto bíblico. No próximo capítulo, veremos como o processo muda quando o ponto de partida não é um único texto curto, mas um tema que atravessa diversas passagens da Escritura.

CAPÍTULO 4

Esboço Temático

“Toda a Escritura é dada por inspiração de Deus.”

— 2 Timóteo 3:16

Enquanto o esboço textual parte de um único texto curto, o esboço temático parte de um tema — um assunto teológico, ético ou prático — e reúne diferentes passagens da Escritura que iluminam esse tema sob ângulos complementares. É a estrutura por trás de sermões sobre oração, fé, mordomia, casamento, sofrimento, entre tantos outros assuntos recorrentes na vida da igreja.

Como funciona

No esboço temático, cada divisão principal geralmente corresponde a um aspecto ou faceta do tema, sustentado por um ou mais textos bíblicos diferentes. A unidade do sermão não vem da ordem de um único texto, mas da coerência lógica e teológica entre os aspectos escolhidos.

Exemplo — Tema: A Oração do Crente

Proposição: “A oração bíblica nasce da confiança em Deus, se sustenta na Palavra e se expressa em súplica constante.”

I. A oração nasce da confiança em quem Deus é (Salmo 62:8; Mateus 6:9)

II. A oração se sustenta na Palavra de Deus (João 15:7; 1 João 5:14-15)

III. A oração se expressa em súplica constante (1 Tessalonicenses 5:17; Lucas 18:1)

O maior risco do esboço temático: o proof-texting

O perigo mais sério da pregação temática é o chamado proof-texting: usar versículos fora de seu contexto original apenas porque contêm palavras relacionadas ao tema escolhido, sem considerar o que aquele texto realmente afirma em seu contexto próprio. Um esboço temático irresponsável pode parecer bem estruturado e, ao mesmo tempo, distorcer cada um dos textos que utiliza.

> ***Regra de proteção***
>
> *Nunca inclua um texto em um esboço temático sem antes ler seu contexto imediato (o parágrafo, o capítulo, e se possível o propósito do livro). Se o texto, em seu contexto, não estiver realmente falando sobre o aspecto do tema que você quer ilustrar, descarte-o — por mais que a palavra-chave apareça nele.*

Como escolher e organizar os textos de apoio

1. Defina o tema com precisão (evite temas amplos demais, como “a fé”; prefira “a fé que persevera na provação”).
2. Faça uma lista inicial de textos relacionados ao tema, usando uma concordância ou estudo de palavras.
3. Leia cada texto em seu contexto original antes de aprová-lo para o esboço.
4. Agrupe os textos aprovados por aspectos ou ângulos complementares do tema (causas, características, resultados, exemplos, condições).
5. Redija a proposição central que amarra esses aspectos em uma única afirmação.
6. Ordene os aspectos de forma lógica — geralmente do fundamento para a aplicação, ou do geral para o específico.

Vantagens da pregação temática

- Permite abordar necessidades específicas da congregação com base no conjunto da revelação bíblica.
- Mostra a coerência interna das Escrituras sobre um mesmo assunto.
- É útil para séries temáticas, aulas e estudos de discipulado.

Quando preferir — ou evitar — o esboço temático

O esboço temático é especialmente indicado quando a igreja enfrenta uma necessidade pastoral específica (como ansiedade, conflitos familiares ou dúvidas sobre um assunto doutrinário) que um único texto não cobre em profundidade suficiente. Por outro lado, se usado com exclusividade, ao longo dos anos, o esboço temático pode fazer com que a congregação nunca aprenda a ler um livro bíblico em sua totalidade — o que nos leva ao próximo tipo de pregação, considerado por muitos o mais equilibrado entre fidelidade textual e relevância temática: a pregação expositiva.

CAPÍTULO 5

Esboço Expositivo

“Prega a palavra, insta a tempo e fora de tempo.”

— 2 Timóteo 4:2

A pregação expositiva busca comunicar a ideia central de uma passagem bíblica mais extensa — um parágrafo, uma cena narrativa, uma unidade literária inteira — de tal forma que a estrutura do sermão reflita a própria estrutura de pensamento do autor original, e não uma estrutura importada de fora do texto.

A diferença entre expositivo e textual

É comum confundir pregação expositiva com pregação textual, já que ambas partem diretamente do texto bíblico. A diferença está na extensão e no nível de abstração: o esboço textual segue de perto a sequência de palavras de um texto curto; o esboço expositivo trabalha com unidades maiores de pensamento (parágrafos, cenas, argumentos) e exige um processo mais completo de exegese antes de chegar às divisões.

O processo exegético que sustenta o esboço

Diferente da pregação temática, aqui não escolhemos os textos que se encaixam num tema — deixamos que a própria passagem, estudada em profundidade, revele sua estrutura. Isso exige um processo cuidadoso:

1. Delimite a unidade literária (onde o pensamento do autor começa e termina — muitas vezes maior do que a divisão de capítulos e versículos sugere).
2. Leia a passagem repetidas vezes, em mais de uma tradução, observando conectivos lógicos (portanto, mas, porque, para que) e mudanças de sujeito ou de cena.
3. Identifique o gênero literário (narrativa, carta, poesia, profecia, sabedoria) — isso muda a forma como a estrutura deve ser lida.
4. Trace um diagrama ou resumo da progressão de pensamento do autor, frase por frase ou cena por cena.
5. A partir desse diagrama, escreva a proposição central da passagem (Capítulo 2).
6. Deixe que as divisões principais do esboço correspondam aos movimentos naturais de pensamento já identificados no diagrama — sem forçar um número artificial de pontos.

Exemplo — uma cena narrativa (Marcos 4:35-41, a tempestade acalmada)

Estrutura da passagem

Movimento 1 (vv. 35-37): a tempestade ameaça e os discípulos entram em pânico

Movimento 2 (vv. 38): os discípulos recorrem a Jesus, mas duvidam do seu cuidado

Movimento 3 (vv. 39): Jesus acalma o mar com uma palavra de autoridade

Movimento 4 (vv. 40-41): Jesus confronta a falta de fé e revela quem ele é

Esboço expositivo resultante

Proposição: “Diante das tempestades da vida, Jesus revela seu cuidado e sua autoridade, e nos chama a confiar nele.”

I. Toda tempestade real revela nosso pânico real (vv. 35-37)

II. Todo pânico real nos leva a Jesus — mesmo com fé pequena (v. 38)

III. Toda palavra de Jesus tem autoridade real sobre o caos (v. 39)

IV. Toda tempestade vencida deve aumentar, e não diminuir, nossa fé (vv. 40-41)

Fidelidade ao contexto histórico-gramatical

O compromisso mais importante da pregação expositiva é a fidelidade ao que o texto significava para seus ouvintes originais, antes de perguntar o que ele significa hoje. Isso significa investigar o pano de fundo histórico, cultural e literário do livro, e resistir à tentação de importar para o texto categorias, preocupações ou aplicações que só fazem sentido no mundo contemporâneo do pregador.

Pergunta de controle

Antes de transformar um movimento do texto em um ponto do esboço, pergunte: ‘Um ouvinte original de Marcos, no primeiro século, reconheceria esta divisão como uma leitura natural da cena que acabou de ouvir?’ Se a resposta for não, revise a divisão.

Vantagens e desafios

- Vantagem: gera nos ouvintes o hábito de acompanhar livros bíblicos inteiros, e não apenas versículos avulsos.
- Vantagem: reduz o risco de eisegese (importar sentido para o texto) por manter o pregador preso à estrutura original.
- Desafio: exige mais tempo de preparo exegético do que os outros dois tipos de esboço.

- Desafio: pede do pregador maior domínio de ferramentas de estudo (comentários, léxicos, contexto histórico).

Com os três tipos de esboço já estudados — textual, temático e expositivo — o próximo passo é aprender a envolver essa estrutura central com uma introdução que conquiste atenção e uma conclusão que a direcione para um ponto de decisão. É isso que veremos no Capítulo 6.

CAPÍTULO 6

Introduções e Conclusões que Sustentam o Esboço

"Como serão formosos sobre os montes os pés do que anuncia boas novas."

— Isaías 52:7

Um esboço tecnicamente correto pode falhar na prática se a introdução não conquista a atenção do ouvinte, ou se a conclusão não sabe onde parar. Introdução e conclusão não são apêndices decorativos: são a porta de entrada e a porta de saída da mesma casa que o corpo do sermão construiu.

A função da introdução

Uma boa introdução cumpre, tipicamente, quatro funções — nem sempre nessa ordem, e nem sempre todas com o mesmo peso:

1. Captar a atenção (uma pergunta, uma ilustração breve, um fato surpreendente, uma tensão real da vida).
2. Estabelecer a necessidade (por que este assunto importa para quem está ouvindo agora).
3. Apresentar o texto e seu contexto (o que vamos ler e de onde ele vem).
4. Antecipar a proposição — e, em muitos casos, o caminho que o esboço vai percorrer.

> ***Erro comum***
>
> *Começar com um pedido de desculpas ("não tive muito tempo para preparar") ou com uma introdução genérica que serviria para qualquer sermão. A introdução deve nascer da mesma proposição central do esboço, não ser escolhida de um repertório de aberturas prontas.*

Como a introdução se conecta organicamente ao esboço

A introdução mais eficaz é aquela que, sem revelar tudo, já planta a tensão ou a pergunta que as divisões do esboço vão responder uma a uma. Se a proposição do sermão é "A oração com gratidão substitui a ansiedade pela paz de Deus", uma boa introdução pode expor honestamente a experiência comum da ansiedade — sem ainda entregar a solução — deixando o ouvinte esperando o desenvolvimento do próprio esboço para encontrá-la.

A função da conclusão

A conclusão não é um resumo burocrático dos pontos ditos, nem o momento de introduzir ideias novas que não foram desenvolvidas no corpo do sermão. Sua função é recolher o que foi construído e conduzir o ouvinte a um ponto claro de resposta:

- Retomar, de forma breve, a proposição central (não uma lista mecânica dos pontos I, II e III).
- Tornar a verdade concreta — mostrando como ela toca situações reais da congregação.
- Chamar para uma decisão ou resposta específica (não apenas “refletir sobre isso em casa”).
- Terminar com clareza — o ouvinte precisa perceber, sem dúvida, que o sermão chegou ao fim.

> ***Teste da conclusão***
>
> *Se você removesse a conclusão e terminasse o sermão logo após a última divisão do esboço, o ouvinte sentiria falta de algo? Se a resposta for não, a conclusão provavelmente está apenas repetindo o que já foi dito, sem cumprir sua função própria.*

Evitando esboços “soltos”

Um esboço “solto” é aquele em que a introdução poderia pertencer a qualquer sermão, as divisões poderiam ser reorganizadas em qualquer ordem sem prejuízo, e a conclusão poderia ser substituída por um simples “e assim terminamos por hoje”. Para evitar isso, use conectores explícitos (chamados de transições) entre cada parte:

- Da introdução para a primeira divisão: “Para entendermos como isso acontece, olhemos primeiro para...”
- Entre divisões: “Agora que vimos X, o texto nos leva a um segundo passo...”
- Da última divisão para a conclusão: “Diante de tudo isso que o texto nos revelou...”

Transições bem escritas são, na prática, o tecido conjuntivo que transforma pontos isolados em um esboço coeso. No próximo capítulo, veremos onde e como inserir aplicação e ilustração dentro dessa estrutura, sem comprometer sua lógica interna.

CAPÍTULO 7

Aplicação e Ilustração dentro da Estrutura

"Sede cumpridores da palavra e não somente ouvintes."

— Tiago 1:22

Um esboço tecnicamente perfeito, mas sem aplicação e sem ilustração, tende a permanecer no plano das ideias abstratas. Este capítulo trata de como incorporar esses dois elementos sem que eles quebrem a lógica interna da estrutura construída nos capítulos anteriores.

Aplicação não é um apêndice — é parte do esboço

Um erro frequente é tratar a aplicação como algo reservado exclusivamente para a conclusão. Na prática, a aplicação mais eficaz costuma acontecer logo após cada divisão principal, enquanto a verdade daquele ponto ainda está fresca na mente do ouvinte, e não apenas ao final, quando as três ou quatro verdades já se acumularam.

Modelo de divisão com aplicação embutida

II. A oração se sustenta na Palavra de Deus (João 15:7)

→ Explicação: o que o texto ensina sobre orar 'segundo a Palavra'

→ Aplicação: um passo prático e específico para esta semana (ex.: separar dois minutos após a leitura bíblica diária para transformar o texto lido em oração)

Os três níveis de aplicação

Toda verdade bíblica pode, em princípio, ser aplicada em pelo menos três níveis, e um bom esboço deve considerar qual deles é mais adequado a cada ponto:

- Cognitivo — o que devo crer ou entender de forma diferente a partir de agora?
- Afetivo — o que devo sentir, valorizar ou temer de forma diferente?
- Comportamental — o que devo fazer, começar ou parar de fazer de forma concreta?

> ***Evite a aplicação genérica***
>
> *“Ore mais” ou “confie mais em Deus” são aplicações verdadeiras, porém vagas demais para gerar mudança real. Prefira aplicações específicas, mensuráveis e realizáveis na semana seguinte ao sermão.*

O papel da ilustração

A ilustração existe para tornar visível o que a explicação tornou compreensível. Ela não substitui a exegese, nem pode contradizer o ponto teológico que está ilustrando — sua única função é dar uma “janela” por onde o ouvinte enxergue com mais clareza uma verdade abstrata.

Onde inserir uma ilustração no esboço

1. Na introdução, para captar atenção e expor a necessidade do sermão.
2. Logo após a explicação de um ponto mais abstrato ou teológico, para torná-lo concreto.
3. Na transição entre divisões, quando ajuda a preparar o ouvinte para o próximo passo do raciocínio.
4. Na conclusão, com moderação, para reforçar — nunca para introduzir — a ideia central.

Critérios para escolher uma boa ilustração

- É verdadeira em seus detalhes (evite exageros ou embelezamentos que comprometam a credibilidade do pregador).
- Ilustra exatamente o ponto teológico em questão — não um ponto parecido, mas diferente.
- É compreensível pela maioria da congregação (evite referências culturais restritas a um pequeno grupo).
- Não rouba a cena do próprio texto bíblico, tornando-se mais memorável do que a verdade que deveria ilustrar.

Aplicação e ilustração, quando bem posicionadas dentro do esboço, transformam uma estrutura correta em uma mensagem viva. No capítulo final, vamos reunir tudo o que foi aprendido em um checklist de revisão e em modelos comentados de cada tipo de esboço estudado.

CAPÍTULO 8

Revisão, Testes e Modelos Prontos

“Examinai tudo, retende o bem.”

— 1 Tessalonicenses 5:21

Chegamos ao capítulo final deste manual. Aqui você vai encontrar um checklist prático para avaliar qualquer esboço antes de subir ao púlpito, seguido de três modelos completos e comentados — um de cada tipo estudado — para servirem de referência em sua própria preparação.

Checklist de avaliação do esboço

- A proposição central está escrita em uma única frase clara e completa?
- Cada divisão principal se conecta diretamente à proposição — e não apenas ao tema geral do texto?
- As divisões estão em ordem lógica (não apenas na ordem em que vieram à mente)?
- As divisões são paralelas em estrutura gramatical (todas afirmações, todas perguntas, ou todos substantivos, por exemplo)?
- A introdução conecta-se organicamente à proposição, sem ser genérica?
- Há transições explícitas entre a introdução, cada divisão e a conclusão?
- Cada divisão principal contém, ainda que de forma breve, um elemento de aplicação?
- A conclusão chama para uma resposta específica, e não apenas repete os pontos ditos?
- O esboço respeita o contexto histórico e literário do texto (ou dos textos, no caso temático)?
- Uma pessoa que não é o pregador conseguiria seguir o raciocínio apenas lendo o esboço?

> ***Como usar este checklist***
>
> *Idealmente, aplique este checklist pelo menos um dia antes de pregar — não na mesma hora. A distância de algumas horas revela falhas lógicas que passam despercebidas durante o calor da preparação.*

Modelo comentado 1 — Esboço Textual

Texto: Filipenses 4:6-7

Proposição: “A oração com gratidão substitui a ansiedade pela paz de Deus.”

Introdução: a experiência universal da ansiedade e a promessa incomum de Paulo

I. O diagnóstico: a ansiedade que precisa ser tratada (v. 6a)

II. O caminho: a oração que precisa ser praticada (v. 6b)

III. A atitude: a gratidão que precisa acompanhar o pedido (v. 6c)

IV. O resultado: a paz que precisa ser recebida (v. 7)

Conclusão: um convite a entregar, hoje, uma ansiedade específica em oração agradecida

Modelo comentado 2 — Esboço Temático

Tema: A Oração do Crente

Proposição: “A oração bíblica nasce da confiança em Deus, se sustenta na Palavra e se expressa em súplica constante.”

Introdução: por que tantos crentes sinceros sentem que ‘não sabem orar’

I. A oração nasce da confiança em quem Deus é (Salmo 62:8; Mateus 6:9)

II. A oração se sustenta na Palavra de Deus (João 15:7; 1 João 5:14-15)

III. A oração se expressa em súplica constante (1 Tessalonicenses 5:17; Lucas 18:1)

Conclusão: um compromisso prático de oração para a semana, ancorado num texto específico

Modelo comentado 3 — Esboço Expositivo

Texto: Marcos 4:35-41

Proposição: “Diante das tempestades da vida, Jesus revela seu cuidado e sua autoridade, e nos chama a confiar nele.”

Introdução: a experiência comum do medo diante do incontrolável

I. Toda tempestade real revela nosso pânico real (vv. 35-37)

II. Todo pânico real nos leva a Jesus — mesmo com fé pequena (v. 38)

III. Toda palavra de Jesus tem autoridade real sobre o caos (v. 39)

IV. Toda tempestade vencida deve aumentar, e não diminuir, nossa fé (vv. 40-41)

Conclusão: qual ‘tempestade’ atual exige que você recorra a Jesus com a fé que você já tem, por menor que seja

Palavra final

Um esboço bem construído não é o objetivo final da pregação — é o meio pelo qual uma verdade bíblica encontra um caminho claro até o coração e a vida de quem ouve. Que este manual sirva não como uma fórmula rígida, mas como um conjunto de ferramentas que, com prática e oração, se tornará cada vez mais natural em sua preparação. Que o Senhor conceda clareza ao pregar, e fruto duradouro em cada mensagem esboçada para a sua glória.

QUEM SOU

Pb. Daniel Filho

danielfilho.blog.br

Casado com Ana Paula, Presbítero, radialista e desenvolvedor. Converteu-se a Cristo em 2003, na Assembleia de Deus Ministério de Santos, e, desde então, tem servido neste ministério com dedicação.

Estudou Teologia pela UNINTER e atualmente cursa o C.F.O. II, curso teológico da AD Santos. Foi consagrado ao santo ministério como Presbítero em 6 de abril de 2024.

É criador do Projeto Voz da Palavra, focado em evangelização, e idealizador do Projeto Mate o Pecado, inspirado nas obras de John Owen (1616–1683), cujo foco é subsidiar pessoas que desejam realmente vencer o pecado.

Sua missão é ser um bom discípulo de Cristo, que não despreza a Grande Comissão e entende que as mídias sociais também fazem parte, hoje, desse mandamento. Sabe que a salvação não é por obras, mas que devemos trabalhar muito, tendo como motivação a glória do nosso grande Deus e Salvador Jesus Cristo.

Escrito por Pb. Daniel Filho

danielfilho.blog.br